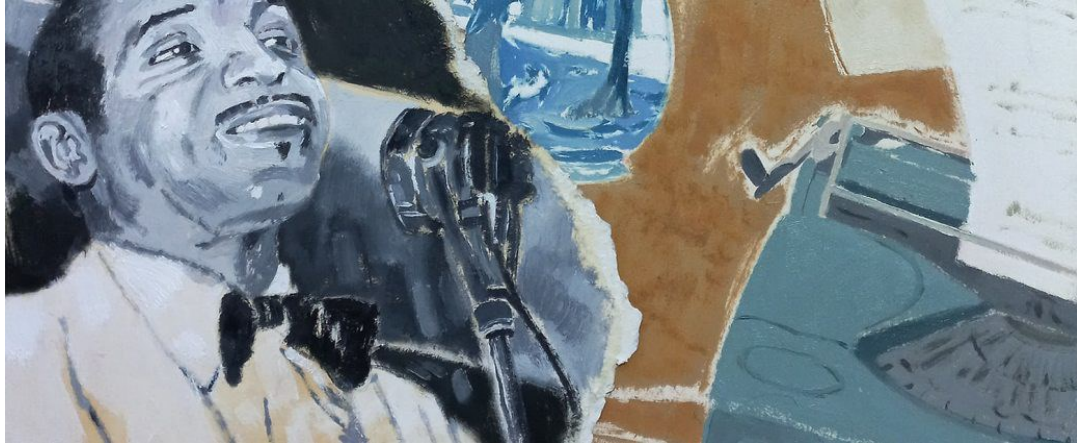


A genialidade na composição de Lupicínio Rodrigues

Rafaela Bobin / 22 de agosto de 2024 / Especial: Leituras do Vestibular



*“Não vá, bom Deus, julgar que a guerra que estou falando
É onde estão se encontrando tanques, fuzis e canhões
Refiro-me à grande luta em que a humanidade
Em busca da felicidade
Combate pior que leões
Aonde a dona divergência com o seu archote
Espalha os raios da morte
A destruir os cais
E eu
combatente atingido
Sou qual um país vencido
Que não se organiza mais”*
— TRECHO DE DONA DIVERGÊNCIA

Compositor e cantor, Lupicínio Rodrigues nasceu e cresceu em Porto Alegre e foi morador do bairro da Ilhota, que não existe mais. Sem nunca ter se mudado da capital gaúcha, Lupicínio se destaca por ser um compositor negro de samba-canção cujas obras repercutiram em todo o Brasil.

Arthur de Faria, [doutor em Letras pela UFRGS](#) e autor do livro “Lupicínio: Uma biografia musical”, explica que até os anos 1960 era necessário ser carioca ou se mudar para o Rio de Janeiro para ser sambista. Além disso, há uma falácia de que Porto Alegre é uma cidade branca. Com sua trajetória, Lupicínio quebra esses dois mitos.

“Mas que vida que a gente vivia!”: a vida boêmia-trabalhadora de Lupicínio

Vindo de uma família de classe média baixa e de uma comunidade majoritariamente negra, ligada ao carnaval e ao futebol, Lupicínio Rodrigues nasceu no dia 16 de setembro de 1914. A mãe era lavadeira, assim como várias mulheres da Ilhota, e o pai trabalhava no que viria a ser a UFRGS – onde, posteriormente, Lupicínio trabalharia como bedel (mistura de porteiro com auxiliar nas disciplinas). Ele também foi dono de casas noturnas e fez parte da Sociedade Brasileira de Autores, Compositores e Escritores de Música de Porto Alegre.

Na época, a imagem do sambista era ligada ao Rio de Janeiro, ao malandro e à vida boêmia. Conforme explica Arthur, a boemia porto-alegrense era diferente: Lupicínio e seus “amigos da noite” trabalhavam durante o dia e saíam à noite.

Apesar dos preconceitos da época, os relatos de Lupicínio e homens que viviam essa boemia noturna com ele afirmavam não existir preconceitos relacionados à cor ou sexualidade. De acordo com Arthur, o melhor amigo de Lupicínio era gay, fato amplamente conhecido. “Os homens, brancos e pretos, héteros ou gays, tinham uma irmandade da noite, as mulheres não.”

As mulheres que frequentavam esses espaços eram prostitutas, cantoras ou dançarinas e enfrentavam diversos preconceitos, o que se reflete nas músicas de Lupicínio, como em “Maria Rosa”. Composta nos anos 1950 e com história semelhante à de um tango dos anos 1920, Arthur comenta que “nos anos 20 talvez ela fizesse sentido, mas 30 anos depois (não)”. Mesmo sendo à frente do seu tempo em certas questões, Lupicínio era uma “figura complexa”, diz Arthur.

“Onde eu vou em um segundo quando começo a cantar”: a canção de Lupicínio

Conhecido pela “dor de cotovelo”, Lupicínio traz em suas músicas o sofrimento de amores perdidos. Apesar de em muitas canções representar a mulher de forma pejorativa, ele tinha grande domínio da música. “Independentemente do que ele está dizendo, independentemente do assunto ou da forma absolutamente machista como ele se refere às mulheres [...], isso tudo é feito em um nível de elaboração que é nada menos do que extraordinário, tanto em termos de letras quanto de música”, comenta Arthur.

Lupicínio Rodrigues foi o primeiro artista de samba a fazer sucesso em Porto Alegre. As produções dele têm forte influência do tango – que tocava nas rádios argentinas captadas na cidade – e se distinguiu do que era produzido até então na capital gaúcha. Foi um dos pioneiros na composição de samba-canção, uma mistura do samba com o estilo das canções românticas brasileiras.

Outro aspecto importante é a escrita das canções. Elas não são feitas no modo padrão estrofe-refrão-estrofe, pois no geral contam uma história. Se colocadas em formato de prosa, sem a separação em versos, a maioria continuaria fazendo sentido. Além disso, Lupicínio demonstrava grande domínio da língua portuguesa, pois, dependendo do que queria transmitir e de quem era o narrador, escrevia em linguagem culta ou informal. Apesar do conhecimento em música, Lupicínio não tocava nenhum instrumento harmônico.

“São todas essas coisas que tornam o Lupicínio um sujeito muito peculiar e que fazem com que ele, mesmo sendo a pessoa mais ‘cancelável’ do mundo pelos seus temas, fique sendo gravado por mulheres. [...] Vale a pena superar esse incômodo porque o que está ali é tão brilhante que merece atenção”
— Arthur de Faria

“Na boca triste de algum sofredor”: os intérpretes

Elza Soares, Caetano Veloso e Elis Regina estão entre os nomes que interpretaram as canções de Lupicínio. Por volta dos anos 1940, o cantor Francisco Alves, que fez sucesso entre os anos 1920 e 1950, começou a gravar composições de Lupicínio, contribuindo para o reconhecimento do compositor.

Elza Soares gravou a música “Se Acaso Você Chegasse” em seu primeiro LP e continuou interpretando composições de Lupi ao longo de sua carreira. Em dezembro de 2014, a cantora fez um show interpretando apenas músicas dele, em homenagem aos 100 anos de nascimento do compositor.

Outras duas cantoras que realizaram homenagens ao compositor foram Gal Costa e Adriana Calcanhotto, em shows ao vivo em 2015. O show de Adriana resultou no álbum *Loucura*.

Lupicínio teve seu auge nos anos 1950, passando por um período de esquecimento até Caetano Veloso gravar “Felicidade” já em 1974, ano da morte do compositor. Desde então, Lupicínio continua sendo regravado. No caso de “Felicidade”, a música originalmente era uma marchinha alegre que ganhou um tom lento com a gravação de Caetano.

Professora do departamento de Música da UFRGS, Caroline Abreu destaca que o intérprete pode trazer aspectos próprios para a música, incorporando crenças e posicionamentos. Como é o caso de Elza, que, em “Se Acaso Você Chegasse”, não canta o trecho “de dia me lava a roupa, de noite me beija a boca”, substituindo apenas por sílabas cantaroladas.

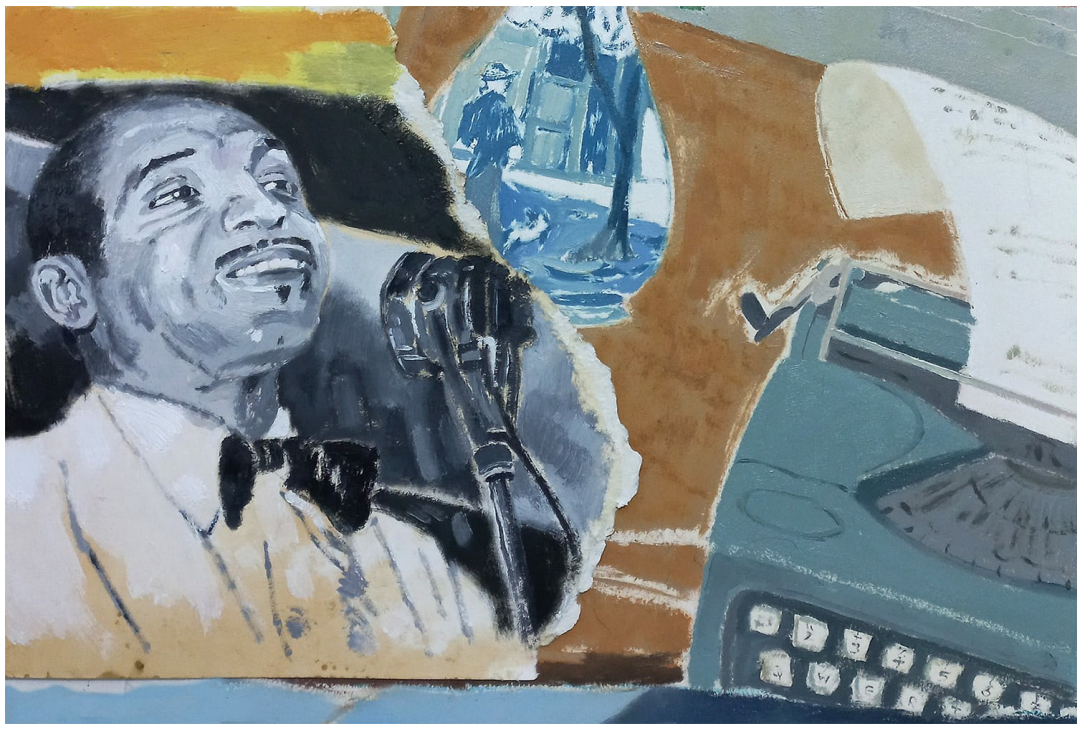
Caroline reforça que é possível, em vez de censurar ou “cancelar”, usar esse tipo de material para refletir sobre o que se pensava na época. “A arte nos dá material para que a gente possa atuar criticamente”, diz. Dessa forma, mudando parte da letra ou o narrador – de um homem para uma mulher –, é possível intervir e transformar certos sentidos.

“Mas afinal o que é que lhe traz?”: Lupi no Vestibular

Dezesseis canções de Lupicínio integram a lista de Leituras Obrigatórias do Vestibular da UFRGS. Arthur afirma que fazer essa seleção é como escolher contos de Machado de Assis. É “tratar isso num terreno, talvez, mais próximo da literatura”, de forma que o foco fica nas composições.

Caroline acredita que, ao escutar e estudar as músicas, vale a pena dar atenção à maneira como Lupicínio apresenta as relações. Ela também recomenda que os vestibulandos analisem se o compositor está conversando com o interlocutor ou descrevendo uma personagem. Ela exemplifica com a canção “Nervos de Aço”, que inicia com uma pergunta, convidando o ouvinte a prestar atenção e participar.

Os dois pesquisadores reforçam que é preciso considerar o contexto social da época das composições, sem “cancelamentos”. Destacam, ainda, a importância de se ter a obra de um compositor negro e porto-alegrense como leitura obrigatória.

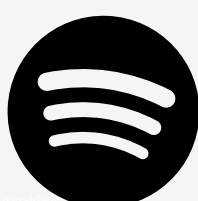


Uéslei Fagundes. *Lupicínio*, 2024. Óleo sobre papel Hahnemühle, 37cm x 26,5cm.

OJU preparou uma [playlist](#) com as composições do Lupicínio Rodrigues sendo interpretadas por diferentes músicos. Cada canção conta com ao menos três interpretações, com exceção de “Migalhas” e “Namorados”, pois não há outras versões delas no Spotify.

Como critério de seleção das músicas, optou-se por versões com sonoridades distintas e, sempre que possível, ter uma versão interpretada por uma mulher, outra por um homem e uma pelo próprio Lupicínio – entretanto, há poucas canções interpretadas por ele no Spotify. Destacamos a última versão de “Foi Assim” na playlist, que faz parte da trilha sonora de “Vingança – O Musical”, lançado em 2014 e inspirado nas músicas de Lupicínio.

Por fim, a playlist tenta apresentar nomes importantes da canção brasileira que interpretaram Lupicínio. No [site do Vestibular](#) é possível encontrar a seleção completa de composições.



Especial Leituras Obrigatórias

Com o objetivo de ampliar as experiências de leitura, o JU produz, desde 2018, uma série de reportagens em que especialistas destacam aspectos e fazem análises interpretativas das obras indicadas pela Universidade. Acompanha cada texto a criação de artistas convidados que dialogam com a obra e a biografia de autoras e autores. Veja as [reportagens aqui](#).

Uéslei Fagundes é artista visual e bacharelado em Artes Visuais pela UFRGS. Atua, como bolsista de iniciação científica, em projeto de pesquisa que reflete sobre as possibilidades da pintura contemporânea e a imagem emancipada de discurso, explorando o lugar e o espaçamento entre essas duas instâncias.

:: Posts relacionados

- [Pesquisa do PPG em Zootecnia revela alta qualidade da carne de cordeiros nativos](#)
- [Extensão popular para mudar a Universidade!](#)
- [O futebol das gurias](#)
- [Praticando a escrita: pesquisa traz crônicas sobre os impactos da violência sexual na infância](#)

INSTAGRAM

[JornalDaUniversidadeufrgs](#)
@jornalDaUniversidadeufrgs

Follow

[View on Instagram](#)

REALIZAÇÃO

JORNAL DA UNIVERSIDADE

UFRGS
SECOM

UFRGS

CONTATO

Jornal da Universidade
Secretaria de Comunicação Social/UFRGS

Av. Paulo Gama, 110 | Reitoria – 8 andar | Câmpus Centro | Bairro Farroupilha | Porto Alegre | Rio Grande do Sul | CEP: 91004-060

[\(51\) 3308 3368](tel:5133083368)

jornal@ufrgs.br